

Nos trinta anos de sua morte escrevi vários poemas, muito sentido pela perda do grande poeta, lembrando o décimo segundo dia de sua insuportável tristeza pela perda da Maria Julieta, na próxima metade do Agosto que vem, far-se-ão 33 anos que se foi, quem sabe, para encontrar a verdade do amor que não teve, ou para estar com sua filha, que quereria acompanhar, e para se livrar da megera Dolores.

Um pai nunca deveria enterrar um filho. No seis de Agosto desse 1987, pouco mais de um ano depois de episódio que já lhes contei, pedem-me para ir ao cemitério em Botafogo, ao enterro da Maria Julieta, a única filha de Drummond. Lembro-me de passar um dia por Manguinhos e ver nos muros da Fundação Osvaldo Cruz imensa faixa com o nome da Maria Julieta, simpatizava com ela, vou ao cemitério. Lá está o poeta, mais defunto que a morta, de preto, rosto congelado, cumpre as funções que eram de se esperar dele, acompanhar à campa o ser a que ele mais amou em sua vida, e o faz maquinalmente, o faz como que por um instinto social, por uma razão de existir, que existir nos obriga a muita coisa. Vive ainda uma dúzia de dias de insuportável tristeza, até que nesse décimo segundo dia não suporta mais.

Passadas três décadas e três anos desses fatos ainda os recordo com espanto, porque para mim é espantosa a ligação entre as pessoas, quando são tão fortes, lembro de Minha bisavó Zizinha e sua filha mais velha, uma num dia e a outra no seguinte, como a nos dizer que esses dois seres viviam conectados, e tendo-se acabado um, o propósito do outro esvanecera.

Mas deixemo-nos de coisas tristes que a herança drummondiana deixa-nos muito o que lembrar por boas razões, não que as da morte não sejam boas, certamente serão, mas, sendo funéreas, decerto não são alegres, e alguém que amou e foi amado, alguém que desejou e soube cantar o desejo, alguém que viveu a realidade de seu tempo em plenitude, “Vosso pai evém chegando” deve ser lembrado no dia de sua morte por melhores razões que ela mesma. Lembremos de como se descrevia em face da vida:

“Poema de Sete Faces

Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra

disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens  
que correm atrás de mulheres.  
A tarde talvez fosse azul,  
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:  
pernas brancas pretas amarelas.  
Para que tanta perna, meu Deus,  
pergunta meu coração.  
Porém meus olhos  
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode  
é sério, simples e forte.  
Quase não conversa.  
Tem poucos, raros amigos  
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste  
se sabias que eu não era Deus  
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.  
Mundo mundo vasto mundo,  
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer  
mas essa lua  
mas esse conhaque  
botam a gente comovido como o diabo.”

Por fim deixo-vos um poema meu da fase drummondiana, em que, creio, Drummond se

reveria:

As palavras.

“Palavra quando acesa  
Não queima em vão  
Deixa uma beleza posta  
em Seu carvão.”

Fernando Filizola.

Na canção que se canta  
No telefone que toca  
Na notícia que chega  
Na carta que vem  
No letreiro que se lê  
Lá estão elas imperiosas  
E resolutas com tudo a dizer.

Drummondianamente

Repita-te a pergunta:

“Trouxestes a chave?”

Só uma pode abrir a porta!

Como abracadabra

É como mágica

A palavra certa.

A que abre a porta...

Abre, pois que em abrir está tudo...

Mas há que conhecê-la

E há que pronunciá-la,

Será como deixar de ser mudo

Ao usar a chave exata

Que tudo irá destrancar

E desvendar mundos...

O das coisas cerradas

Desde as mentes aos corações

Do que se entende ao que se sente

Mas é mister dar-lhes luz,  
Roubá-las à escuridão  
Como quem rouba um pão  
Ávido para o comer...  
Facho definitivo que revela  
E como tal, como vela,  
Vigília e sentinela,  
Alumia a escuridão  
Da alma até a mão,  
Luz do coração.  
A descerrar  
E revelar todas evidências...  
E para cada qual há uma  
E só essa chave,  
A que lhe abre a intenção  
Conhecê-la e usá-la,  
Este o poder infinito da palavra!  
Palavras, palavras,  
Assim, como sempre, desde o princípio  
São o verbo!  
E ateiam fogo aos sentimentos e os deixam arder...  
Têm coração  
Sentir e sensibilizar  
Sua missão.  
Palavra:  
Tanto a que cria como a que destrói  
A que protege e a que condena  
A que despede e a que acena  
A que defende ou a que acusa  
Como a que chama, como a que expulsa  
A que é certeza ou a que é dilema;  
De todas as formas pulsa...  
É a centelha,  
Chispa que incandesce,

Energia que move,  
Alegria que comove  
Dor que se padece,  
Espírito que se invoca:  
Toca tudo e  
À todos toca!  
É Teresa d'Ávila em êxtase  
Shakespeare apaixonado  
Cervantes escarnecendo  
Pessoa questionado  
É Camões a dar brio aos portugueses  
Victor Hugo a dar densidade às coisas  
E Dostoievski a olhar o infinito...  
Ou Vinícius a fazer poemas,  
Qual deles o mais bonito?

.....

Rútilas e opacas  
Cintilantes ou esmaecidas  
São as mesmas velhacas  
Encantando nossas vidas.